

CARTOGRAFANDO UMA ONTOLOGIA FRACTAL: ENTRE A FILOSOFIA DA DIFERENÇA E A ESQUIZOANÁLISE

MIGUEL DELANOY POLIDORI¹; JOSÉ RICARDO KREUTZ²

¹UFPEl – Universidade Federal de Pelotas – miguel.polidori@gmail.com

²UFPEl – Universidade Federal de Pelotas – jrkreutz@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso realizado por mim e orientado pelo Professor Dr. José Ricardo Kreutz, para conclusão do curso de Psicologia da UFPEl. O principal intuito foi o de fazer uma revisão teórico conceitual acompanhando um trilho que começa na filosofia da diferença, passa pela geometria fractal e termina na psicologia social/esquizoanálise. Este trilho ganha força no terceiro semestre de minha graduação diante dos primeiros encontros com a filosofia da diferença nas disciplinas de psicologia social. Desde então, buscamos articular conceitos dessa filosofia com a geometria fractal. Em 2019, articulando o conceito de rizoma ao fractal (SIIEPE 2019); em 2020, em que fazemos um esforço filosófico para entender o conceito de resiliência em sua dimensão de deformação (POLIDORI, STONE e KREUTZ, 2020); em 2021, transitando entre o conceito de ritornelo, de pensamento da diferença, e a geometria fractal (SIIEPE 2021); e em 2022, aproximando o método da cartografia e a atenção do cartógrafo ao que chamamos de processos de fractalização (SIIEPE 2022). Este percurso acadêmico permitiu adentrar com consistência filosófica e conceitual a etapa final da graduação, e instigar a utilização deste universo de saberes nos campos que a psicologia proporciona experienciar.

Como justificativa para o trabalho, Guattari nos dá uma pista importante de como trata a geometria fractal em seus últimos escritos ao dizer que “valeria a pena abordar a análise fractal além dos quadros da geometria e da física em que ela foi criada e aplicá-la à descrição de certos estados limites do psiquismo e do socius.” (GUATTARI, 2012, p. 259). As aparições de conceitos como fractal e fractalização aparecem com certa frequência na obra de Deleuze e Guattari a partir de *Mil Platôs* (DELEUZE e GUATTARI, 1980) – obra publicada alguns após a criação do neologismo *fractal* por Benoit Mandelbrot (MANDELBROT, 1967 1982). É Guattari quem irá dar uma atenção especial ao conceito em seus últimos trabalhos *Caosmose* e *Cartografias Esquizoanalíticas* (GUATTARI, 1992, 2012). Visto que há na geometria fractal características paradoxais e subversivas de uma geometria não-euclidiana que nos auxilia a apreender os movimentos do desejo, objetivo geral do trabalho foi, em síntese, o de investigar um conceito – o de fractal provindo da geometria fractal – desde sua aparição na matemática, passando pelas primeiras aparições e usos na filosofia da diferença até chegar em seu uso por Guattari na esquizoanálise.

2. METODOLOGIA

Para tal tarefa, apostei na experimentação conceitual através da criação de personagens conceituais, condensados na figura Palomar – personagem criado por Ítalo Calvino em seu livro *Palomar* (CALVINO, 1994). Cartografar um conceito envolve entendê-lo como um centro de vibração que movimenta a si e a outros, pedindo passagem e permitindo a apreensão de suas movimentações. Suas utilizações serão sempre singulares, dependendo de como se coloca frente a

cada problema também singular (DELEUZE e GUATTARI, 1991). Ao utilizar do método da cartografia, será possível transitar com maior potência na produção de subjetividade e de conhecimento que acontece entre o sujeito pesquisador e seu objeto de estudo, não mais entendendo-o como separado, como poderíamos fazer com uma metodologia clássica revisão de literatura, por exemplo.

Como podemos experimentar um conceito? Costa (2014) diz que com a cartografia vemos que as questões não simplesmente vêm das nossas cabeças, mas que questionamos na medida em que criamos encontros com aquilo que nos faz questionar. Se “Cartografar é estar, e não olhar de fora” (COSTA, 2014, p. 75), ao utilizar esta metodologia desejo estar e caminhar pelo universo da geometria fractal, da filosofia da diferença, da cartografia e da esquizoanálise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa se iniciou com uma apresentação à geometria fractal, e logo adentrou na sua primeira aparição na filosofia da diferença e esquizoanálise de Deleuze e Guattari. Em seguida, para “acomodar” esta nova maneira de perceber o mundo – uma primeira leitura de uma ontologia fractal, ainda prioritariamente embasada na matemática – discuto sobre o pensamento da diferença (DELEUZE, 1968), e como esta discussão pode nos ajudar a repensar o ato de pensar, comumente tido como algo natural e bem estabelecido. “Como pensar sobre tudo isso?” foi a pergunta balizadora nesta etapa da cartografia. Fazendo esta articulação, é visto que há no pensamento da diferença e na geometria fractal propriedades conectáveis, em que uma ajuda a pensar a outra e, consequentemente, a pensar sobre a produção da vida em sua complexidade.

A cartografia enquanto um método das ciências humanas foi o terreno que ligou a ontologia fractal descrita até então à ontologia fractal utilizada nas cartografias esquizoanalíticas. Partindo de uma ontologia fractal para a apreensão de fenômenos como as ondas do mar, direcionei o trabalho rumo a uma ontologia fractal para a apreensão das produções de subjetividade e da circulação do desejo no campo social.

A cartografia nos mostrou cinco linhas, ou cinco pistas, de investigação que foram seguidas. Foram elas, em síntese: 1) Todo fenômeno na natureza, por mais imóvel ou rígido que pareça, possui pelo menos uma linha evidenciando um infinito interno, capaz de ser acompanhado – propriedade fractal encontrada na natureza. Este acompanhamento, percebendo as pequenas ou grandes diferenças através da repetição própria de cada objeto fractal, é o que acabamos nomeando como. Para acompanhar estas linhas, é preciso manter-se sempre em uma fronteira, uma borda de um processo de fractalização, pois o próprio processo se desdobra na fronteira e a reinventa e a redistribui ao passo que se desenrola. 2) Para pensar sobre os processos de fractalização, foi feita uma aliança ao pensamento da diferença de Deleuze, já que as propriedades não-euclidianas da geometria fractal parecem servir para potencializar o pensamento na perspectiva da diferença. Os objetos fractais são imagens que desafiam a imagem do pensamento, com seus paradoxos de linhas infinitas e superfícies que tendem a zero; superfícies infinitas e volumes que tendem a zero; dimensões não-inteiras; tudo isso sem perder consistência e possibilitando a percepção de outros sentidos, muitas vezes paradoxais, sobre os fenômenos. Assim, se perdem os contornos bem definidos entre sujeito/objeto, individual/coletivo, dentro/fora, para dar espaço à lógica da diferença, como, por exemplo, dos espaços lisos e estriados.

As linhas 3, 4 e 5 já nos dizem do próprio método da cartografia, da ontologia fractal conforme a esquizoanálise, e da utilização dessa cartografia, especialmente com o conceito de afeto, nas cartografias esquizoanalíticas. A linha 3 nos mostrou que a cartografia, sendo um método que acompanha a transformação de territórios e a produção de subjetividade, pode se beneficiar de tal maneira de ver o mundo, de tal complexidade ontológica. Na cartografia, a investigação da realidade é feita através de um acompanhamento de percursos e implicação nos processos de produção de subjetividade, sempre situados em um espaço e um tempo. Tal acompanhamento de percursos pode ser pensado como um acompanhamento de simultâneos processos de fractalização que, quando se conectam, deixam de ser puramente direcionais e passam a criar dimensões, configurando o que entendemos por territórios existenciais. Este processo de transformação dos territórios (des/re/territorialização) é entendido na filosofia da diferença como ritornelo (DELEUZE e GUATTARI, 1980b). 4) Guattari (2012) dará um passo além com a utilização da geometria fractal na cartografia, nas cartografias esquizoanalíticas. Aqui, a ontologia fractal passa a ser utilizada por ele diretamente como ferramenta conceitual para a apreensão dos processos de produção de subjetividade. A cartografia esquizoanalítica seria, dessa forma, uma pragmática e experimentação conceitual no real da filosofia da diferença. Uma das tarefas de uma cartografia esquizoanalítica seria a de discernibilizar e intensificar os componentes de subjetivação (humanos e não-humanos, linguísticos, geológicos, orgânicos, semióticos, econômicos, culturais, históricos, etc.) presentes nos territórios, que compõem ritornelos. Acontece que, por estes componentes não serem “unidades”, e sim multiplicidades fractais, eles se repetem em várias escalas intra e transterritorialmente. As especificidades de tal funcionamentos são aprofundadas no Trabalho de Conclusão de Curso.

Por fim, o conceito de *afeto* é retirado de sua posição passiva tradicional nas disciplinas psi. Ele “não é modo algum o correlato passivo da enunciação, mas seu motor” (GUATTARI, 2019, p. 385), e assim o faz grudando “tanto na subjetividade de seu enunciador quanto ao de seu destinatário e, ao fazê-lo, desqualifica a dicotomia enunciativa: locutor-auditor.” (GUATTARI, 2019, p. 383). Ou seja, Guattari quer retirar do afeto qualquer concepção instintual, transcendental, até mesmo pulsional (reservada ao inconsciente psicanalítico), e posicioná-lo na ontologia fractal. *afeto* surge como a matéria desterritorializada ativa, capaz de ser trabalhada em uma análise, o combustível para transitar entre os territórios. Com isso, Guattari nos mostra que podemos aguçar processos de fractalização que intensifiquem a heterogênese dos territórios existenciais. Há dois modos de fractalização utilizados por Guattari: um que auxilia a pensar sobre como o território se fractaliza intrinsecamente, gerando uma auto-consistência, e outra que auxilia a pensar como o território se conecta e agencia com outros territórios, formando passagens transversais que conferem temporalidades singulares à cada composição, gerando ritornelos sempre situacionais, mas que sempre arrastam consigo uma história e memória territorial. Novamente, se trata de entender que os dois modos de fractalização eles próprios se fractalizam, um à espreita do outro, nas fronteiras ontológicas fractais dos infinitos componentes.

4. CONCLUSÕES

Nossa cartografia começou na filosofia da diferença e na matemática da geometria fractal, apreendendo os pontos iniciais de articulação entre a primeira aparição do fractal em Deleuze e Guattari, nos espaços lisos e estriados, e como

isso podia ser pensado através de uma primeira leitura de uma ontologia fractal. O caminho, a partir daí, foi de construir uma bagagem teórico-conceitual para a compreensão da ontologia fractal utilizada por Guattari em suas cartografias esquizoanalíticas: uma teoria que pragmatiza os conceitos da filosofia da diferença em uma análise sobre os movimentos desejantes e modos de subjetivação no campo social e no real.

Quando Guattari é questionado sobre seu intenso uso de neologismos, abstrações e variedade de vocábulos emprestados de outras disciplinas, ele responde que forjou sua própria linguagem para enfrentar certas questões, criando palavras-valise, palavras-ferramentas capazes de abrir problemáticas e articulá-las em diversos campos (GUATTARI, 2022). Acreditamos que este trabalho foi no mesmo caminho. Ao se investigar a aparição da geometria fractal na obra de Deleuze e Guattari, pretendemos indicar onde estão tais aparições, e como as articulações conceituais foram feitas em cada situação. Com os personagens conceituais, experimentamos os conceitos e não somente racionalizamos ou sistematizamos.

Por fim, o debate sobre o afeto mostrou que se a ontologia fractal nos provê um metamodelo com ferramentas para apreender os movimentos da natureza, o afeto é o combustível com o qual podemos trabalhar efetivamente numa práxis: seja ela clínica, sob a égide dos campos psi, ou de qualquer outra disciplina que possa reconhecer o vulcão ético-estético-político que há na fronteira entre pensar no mundo/agir no mundo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. São Paulo: Brasiliense, 1968.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, vol. 4**. São Paulo: Editora34, 1980a.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, vol. 5**. São Paulo: Editora34, 1980b.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1991.
- CALVINO, Italo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- COSTA, Luciano Bedin da. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista digital do LAV**. Santa Maria, UFSM. Vol. 7, n. 2 (maio./ago. 2014), p. 65-76, 2014.
- GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34. 1992.
- GUATTARI, Félix. **Ritornelos e Afetos Existenciais**. Tradução: Cristina Thorstenberg Ribas. GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia, v. 4, n. 1, p. 383-397, 2019.
- GUATTARI, Félix. **Schizoanalytic Cartographies**. A&C Black, 2012.
- MANDELBROT, Benoit. How Long Is the Coast of Britain? Statistical Self-Similarity and Fractional Dimension. *Science*, v. 156, n. 3775, p. 636-638, 1967.
- MANDELBROT, Benoit. *The fractal geometry of nature*. New York: Freeman, 1982.
- POLIDORI, Miguel Delanoy; STONE, Anne; KREUTZ, José Ricardo. Resiliência como deformação: um conceito filosófico? *Arquitetura, psicologia e máquinas desejantes. Projectare: Revista de Arquitetura e Urbanismo*, v. 1, n. 10, 2020.